



SEÇÃO LIVRE

Imagem do México-Tenochtitlán colonial

Image of colonial Mexico-Tenochtitlán

Imágenes de México-Tenochtitlán colonial

Maria Emília Granduque

José¹

orcid.org/0000-0003-2724-4286

memiliagranduque@gmail.com

Recebido em: 03 out. 2024.

Aprovado em: 16 maio. 2025.

Publicado em: 15 set. 2025.

Resumo: Das novidades reportadas pelos espanhóis durante as incursões na América, as cidades aparecem com considerável destaque nos mais variados registros produzidos ao longo do século XVI. Seguindo um padrão narrativo, a totalidade das menções ressalta a admiração sentida por seus observadores tanto em razão da extensão e do número de habitantes de muitas vilas, equiparáveis ou até mesmo superiores às cidades europeias, quanto pela forma e organização dos edifícios erguidos em meio ao cenário natural. No caso das zonas localizadas no México Central, ganhou maior espaço nesses registros a cidade de México-Tenochtitlán, centro da Confederação Mexica conquistada e reformulada por Hernán Cortés a partir de 1521, após a vitória sobre Montezuma. A imagem dessa cidade remodelada para se converter na capital da Nova Espanha aparece nos dois *Diálogos* elaborados por Francisco Cervantes de Salazar, em 1554, intitulados *Interior de la ciudad de México* e *Alrededores de México*, em que três personagens – Zamora, Zuazo e Alfaro – passeiam pela vila e seus arredores descrevendo o que seus olhos lhes revelavam. Acompanhar esse passeio mapeando as percepções deixadas por esse autor nas páginas desses diálogos é um dos objetivos do presente artigo. Ao trilhar as imagens traduzidas por Cervantes de Salazar na interação construída entre as três figuras centrais – dois habitantes da cidade e um forasteiro –, o objetivo é saber qual imagem da cidade de México-Tenochtitlán aparece construída em seus primeiros contornos, isto é, quando se torna o centro da colônia espanhola desse período entre traços mexicas e ibéricos.

Palavras-chave: México; século XVI; cidades; *Diálogos*; Francisco Cervantes de Salazar.

Abstract: Of the novelties reported by the Spanish during their incursions into America, the cities appear with considerable prominence in the most varied records produced throughout the 16th century. Following a narrative pattern, all the mentions highlight the admiration felt by their observers, both because of the size and number of inhabitants of many towns, comparable or even superior to European cities, and because of the shape and organization of the buildings erected amidst the natural scenery. In the case of the areas located in Central Mexico, the city of México-Tenochtitlán, the center of the Mexica confederation conquered and reformulated by Hernán Cortés after his victory over Montezuma in 1521, gained the most space in these records. The image of this city remodeled to become the capital of New Spain appears in the two *Diálogos* written by Francisco Cervantes de Salazar in 1554, entitled *Interior de la ciudad de México* and *Alrededores de México*, in which three characters – Zamora, Zuazo and Alfaro – walk around the town and its surroundings describing what their eyes reveal to them. One of the aims of this article is to accompany this walk by mapping the perceptions left by this author on the pages of these dialogues. By tracing the images translated by Cervantes de Salazar in the interaction constructed between the three central figures – two inhabitants of the city and an outsider – the aim is to find out what image of the city of Mexico-Tenochtitlán appears to be constructed in its first contours, that is, when it becomes the center of the Spanish colony of



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil.

that period between Mexica and Iberian traits.

Keywords: México; 16th Century; City; *Diálogos*; Francisco Cervantes de Salazar.

Resumen: De las novedades reportadas por los españoles durante sus incursiones en América, las ciudades aparecen con considerable protagonismo en los más variados registros producidos a lo largo del siglo XVI. Siguiendo un patrón narrativo, todas las menciones destacan la admiración que sentían sus observadores, tanto por el tamaño y número de habitantes de muchas poblaciones, comparables o incluso superiores a las ciudades europeas, como por la forma y organización de los edificios erigidos en medio del paisaje natural. En el caso de las zonas ubicadas en el centro de México, la ciudad de México-Tenochtitlán, centro de la confederación mexica conquistada y reformulada por Hernán Cortés tras su victoria sobre Moctezuma en 1521, cobró mayor protagonismo en estos registros. La imagen de esta ciudad remodelada para convertirse en capital de la Nueva España aparece en los dos diálogos escritos por Francisco Cervantes de Salazar en 1554, titulados *Interior de la ciudad de México y Alrededores de México*, en los que tres personajes – Zamora, Zuazo y Alfaro – recorren la ciudad y sus alrededores describiendo lo que sus ojos les revelan. Uno de los objetivos de este artículo es acompañar este paseo cartografiando las percepciones dejadas por este autor en las páginas de estos diálogos. Al rastrear las imágenes traducidas por Cervantes de Salazar en la interacción construida entre las tres figuras centrales – dos habitantes de la ciudad y un forastero – se pretende averiguar qué imagen de la ciudad de México-Tenochtitlán parece construirse en sus primeros contornos, es decir, cuando se convierte en el centro de la colonia española de esa época entre rasgos mexicas e ibéricos.

Palabras clave: México; Siglo XVI; Ciudades; *Diálogos*; Francisco Cervantes de Salazar.

Na *Historia verdadera de la conquista de Nueva España* (2011), o soldado Bernal Díaz del Castillo, ao narrar a ação espanhola no México entre 1519 e 1521, deixou uma rica descrição do cenário visitado pela tropa liderada por Hernán Cortés. De todos os elementos apresentados, a diversidade

natural e as gentes que ali viviam aparecem nas numerosas páginas de sua obra, talvez por evidenciarem, como ele próprio sugere, um quadro oposto ao projetado pelos descobridores daquelas terras. Há, contudo, um outro elemento que chamou igualmente a atenção desse soldado e de todos que estiveram ao seu lado: as cidades americanas. Exuberantes e grandiosas, essas zonas urbanas que se revelavam mescladas ao quadro natural daquele mundo novo surpreenderam os membros de seu grupo tanto pela estrutura e organização como pela extensão que se mostrava similar e, muitas vezes, até superior às suas referências europeias. Em um dos trechos da sua obra, Bernal Díaz transmite tal surpresa partilhada pelo grupo:

Desde que vimos tantas ciudades e vilas povoadas na água e outras grandes populações em terra firme, como ainda aquelas passarelas tão retas e niveladas para ir ao México, ficamos admirados e comentávamos que pareciam coisas de encantamento ditas no livro de Amadís, com todas aquelas grandes torres, picos e edificios que havia dentro d'água e tudo feito de calicostrada, até mesmo alguns de nossos soldados disseram que o que viram estava entre sonhos, e não é de se admirar que eu escreva dessa forma, porque há muito a ponderar nisso que eu não sei como contar: ver coisas nunca ouvidas, nem mesmo sonhadas, como nós vimos (Díaz del Castillo, 2011, p. 160, tradução nossa)².

“Coisas de encantamento”, as cidades causaram admiração similar aos cenários descritos nos livros de fantasias, como o afamado Amadís de Gaulle³. Se não aparecem representadas com o

² No original: “Y desde que vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblaciones, y aquella calzada tan derecha y por nivel cómo iba a México, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuentan en el libro de Amadís, por las grandes torres y cúes y edificios que tenían dentro en el agua, y todos de calicanto, y aun algunos de nuestros soldados decían que si aquello que veían se era entre sueños, y no es de maravillar que yo escriba de esta manera, porque hay mucho que ponderar en ello que no sé como lo cuente: ver cosas nunca oídas, ni aun sonhadas, como veíamos”.

³ De acordo com Irving Leonard (2006, p. 51), “Para la cándida generación de las primeras décadas del siglo XVI, estos fascinantes libros de caballerías constituían un espejo donde el lector se veía retratado en la actuación valerosa y triunfal del héroe, con cuyos azares se identificaba completamente, y las costumbres que con tanta brillantez se relataban en esas páginas ofrecían el modelo que imitaba la sociedad renacentista. Valor individual frente a los mayores obstáculos, aceptación estoica de desventuras y heridas, exaltado sentido del honor y de la dignidad personal, maneras corteses y un concepto caballeresco del amor, todo esto reflejaba los más altos ideales del carácter español, forjado en un largo y triunfante batallar contra el extranjero infiel, invasor de la península”. No caso específico da novela Amadís de Gaulle, referida por Bernal Díaz del Castillo, a pesquisadora Rolena Adorno (2006, p. 15) considera que ela opera como um meio empregado pelo cronista para “[...] comunicar la magnificencia y esplendor que sintió al ver Tenochtitlán por vez primera. Su afirmación revela que los libros de caballería se ofrecían como punto de referencia común mediante el cual el lector español del siglo XVI podía encontrar sentido a la descripción de un lugar desconocido —América— tal como se la brindaba un escritor y lector que compartía con sus propios lectores similares experiencias culturales y literarias”.

mesmo peso que a natureza ocupou nos relatos⁴, nem por isso deixaram de ter um impressionante espaço nos mais diversos textos produzidos no século XVI, a ponto de serem mencionadas como um meio a ser conquistado, assim como a terra e as gentes locais. No caso das cidades observadas na região do México central, uma das primeiras zonas visitadas pelos viajantes em suas investidas em terra firme, muitas são as passagens dedicadas a retratar, tal como Bernal Díaz, a impressão daqueles que transitaram por essas localidades.

Na *Relación breve de la conquista de Nueva España* (Aguilar, 2018), a cidade de Cholula é retratada por Francisco de Aguilar, também integrante da expedição de Cortés, como uma vila grande contendo em torno de cinquenta ou sessenta mil casas, "[...] todas muito estreitas e próximas umas das outras" (Aguilar, 2018, cuarta jornada, tradução nossa)⁵ e edifícios que causaram admiração por seu tamanho e esplendor. Impressão igualmente favorável deixou o próprio Hernán Cortés nas suas *Cartas de Relación* ao pintar um quadro positivo das cidades visitadas por sua expedição. Em uma de suas correspondências enviadas ao rei Carlos V, menciona o impacto sentido ao chegar a Tlaxcala, cidade que se tornará uma importante aliada dos espanhóis, depois de ser convidado pelos mensageiros tlaxcaltecas, registrando: "[...] é tão grande e de tanta admiração que, embora eu não diga tudo que há para dizer, o pouco que direi creio ser incrível, porque é muito maior e tem muito mais gente do que tinha Granada no

tempo em que a conquistamos e é muito mais forte e tem melhores edifícios [...]" (Cortés, 1866, p. 67, tradução nossa)⁶. Já ao se encontrar na região da província de Culúa, comenta ter descoberto "grandes cidades com maravilhosos edifícios, com grandes negócios e riquezas" (Cortés, 1866, p. 84, tradução nossa)⁷, dentre as quais, ressalta ele, há uma chamada Tenochtitlán, que, por sua exuberância e riqueza, supera todas as demais.

Centro do poder da Confederação Mexica governado por Montezuma, Tenochtitlán, ou México-Tenochtitlán, aparece como uma das principais cidades nesses relatos, não apenas por sua importância estratégica notada pelos espanhóis, mas também pelo porte arquitetônico e pela cifra populacional, características que faziam dela a maior zona urbana do território americano da época⁸ – um protagonismo cada vez mais acentuado conforme a cidade se convertia em centro do poder espanhol com o início do domínio colonial. A reestruturação gradual dessa cidade para abrigar as sedes administrativas da Coroa espanhola – nomeadamente os edifícios destinados a ser o centro de decisões políticas e de ações jurídicas –, bem como as igrejas e os colégios em que se dariam a celebração e o ensino religioso e as casas que alocaariam os conquistadores e os funcionários reais, aparece com referências abundantes nos relatos deixados por quem testemunhou e, inclusive, participou da montagem ou do funcionamento dessa zona colonial. É o caso de Francisco Cervantes de Salazar, letrado toledano que se transferiu para o México

⁴ Refiro-me aos relatos: *Historia de las Indias* (1559), de Bartolomé de las Casas; *Historia general de las Indias y la conquista de Mexico* (1552), de Francisco López de Gómara; *Sumario de la natural historia de las Indias* (1526) e *Historia general y natural de las Indias* (1532), de Gonzalo Fernández de Oviedo; *Historia natural y moral de las Indias* (1589), de José de Acosta; *Historia general de los hechos de los castellanos en las Islas y Tierra Firme del mar Océano que llaman Indias Occidentales* (1601), de Antonio de Herrera y Tordesillas.

⁵ No original: "[...] tendría entonces cinquenta o sesenta mil casas, todas en sí muy apeñuscadas y juntas, con sus azoteas muy buenas [...] y había en ella muchas torres y muy espesas de las Iglesias que ellos tenían, la cual nos puso admiración de ver su grandeza y torrería".

⁶ No original: "[...] es tan grande y de tanta admiracion, que aunque mucho de lo que dela podría decir dejé, lo poco que diré creo es casi increíble, porque es muy mayor que Granada y muy mas fuerte, y de tan buenos edificios, y de muy mucha mas gente que Granada tenía ao tempo que se gañó [...]".

⁷ No original: "[...] muy grandes ciudades y de maravillosos edificios, y de grandes tratos y riquezas".

⁸ Em *As quatro partes do mundo* (2014, p. 99), o historiador francês Serge Gruzinski, ao analisar o processo de mundialização desencadeado pela presença ibérica na América, observa que no século XVI a cidade de México-Tenochtitlán "[...] insere-se em uma colossal cidade indígena que era provavelmente a mais populosa do mundo às vésperas da invasão espanhola. Essa situação excepcional toma mais espetacular ainda a série de reações em cadeia que transformam pouco a pouco a sociedade autóctone". Justamente por essa importância, a cidade operou como um eixo central em que se encontravam as quatro partes do mundo naquela época, com o cruzamento de povos e de culturas indígenas, europeias, africanas e asiáticas, com cenas privilegiadas, escreve ele, "[...] de afrontamentos e de mestiçagens".

em 1551, mesmo ano em que o monarca expediu uma cédula real para criar a universidade⁹, e ali passou mais de 25 anos como habitante local. A sua vivência nesse período como professor da universidade permitiu que ele vislumbasse as mudanças feitas pela burocracia da Coroa espanhola para tornar *Tenochtitlán* a capital da Nova Espanha¹⁰. O quadro dessa cidade foi contado pormenorizadamente por ele em 1554, por meio de dois diálogos intitulados *Interior de la ciudad de México* e *Alrededores de México* em que três personagens – Zamora, Zuazo e Alfaro¹¹ – passeiam pela vila e seus arredores descrevendo o que seus olhos lhes revelavam¹². Acompanhar esse passeio pela cidade do México colonial mapeando as percepções deixadas por esse cronista nas páginas desses diálogos é um dos objetivos do presente artigo. Ao trilhar as imagens traduzidas por Cervantes de Salazar na interação construída entre as três figuras centrais – dois habitantes da cidade e um forasteiro –, o objetivo é saber qual imagem da cidade de México-Tenochtitlán aparece construída em seus primeiros contornos, isto é, quando se torna o centro da colônia espanhola desse período entre traços mexicas e ibéricos.

A simetria de México-Tenochtitlán

As primeiras falas evocadas pelo personagem Alfaro, depois de transitar pelas ruas e passarelas mostradas por Zamora e Zuazo, reproduzem o

mesmo deslumbramento sentido por Bernal Díaz ao adentrar a cidade governada por Montezuma. Uma de suas observações mais marcantes refere-se ao desenho geográfico da cidade, nomeadamente a disposição dos edifícios e de templos erguidos em uma área plana, propositalmente pensada em meio a tantas colinas naturais que contornavam esse espaço, como mostra a seguinte passagem:

Toda a cidade está situada em um terreno plano e muito amplo, sem nada que a esconda da vista em ambos os lados. As magníficas e elevadas construções dos espanhóis, que ocupam grande parte do terreno e são enobrecidas por torres imponentes e templos imponentes, são cercadas por todos os lados pelas casas dos índios, que são humildes e dispostas sem ordem, e que servem como subúrbios, entre as quais há também igrejas de construção tão magnífica quanto as outras, e que são tão bem construídas quanto as dos índios (Cervantes de Salazar, 2001, p. 70, 71, tradução nossa)¹³.

Indicando a data de 1554, o personagem retrata a cartografia de uma cidade bem estruturada e visivelmente alterada de seu plano original desde que Hernán Cortés assumiu a administração e remodelou a estrutura urbana para adaptá-la à dinâmica política importada da metrópole europeia. O projeto colonial alavancado pelo conquistador tinha como meta povoar a cidade de *Tenuxtitan* e, para isso, seria necessário reformular toda a configuração original a fim de receber e alojar os antigos e os novos moradores (Cortés, 1866,

⁹ Francisco Cervantes de Salazar tomou posse como professor da instituição em 1557 e lá permaneceu durante 20 anos como professor de retórica e reitor em duas ocasiões. A sua experiência rendeu um diálogo em que descreve pormenorizadamente a Universidade de México (Sanchis Amat, 2015, p. 2).

¹⁰ A região da Nova Espanha ou vice-reinado da Nova Espanha compreendia uma região extensa que cobria boa parte da América central – desde o México até territórios atuais como a Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica e Honduras. A capital se localizava na cidade de México-Tenochtitlán, hoje conhecida por Cidade do México, que detinha o controle econômico, religioso e jurídico de toda a região. O vice-reinado de Nova Espanha, junto com o do Peru, Nueva Granada e Buenos Aires, fazia parte da organização territorial colonial da Hispano-América em vigor até o século XVIII.

¹¹ Não sabemos ao certo a verdadeira identidade dos três personagens. Francisco Cervantes de Salazar apenas indica Zamora e Zuazo como locais/habitantes da cidade do México e Alfaro como um forasteiro de passagem pela vila. No entanto, Rodrigo Martínez Baracs (2008, p. 231), em seu estudo *Fuentes sobre la primitiva ermita del Tepeyac*, aventa que tais figuras são personalidades conhecidas da cena religiosa da época: “[...] Ahora bien, en otros estudios aventuré la posibilidad de identificar a este Alfarus con el recién llegado arzobispo fray Alonso de Montúfar. Y propuse igualmente identificar a Zuazus con el ya fallecido licenciado Alonso de Zuazo (1466?-1539), funcionario en Santo Domingo, Cuba, México y nuevamente Santo Domingo entre 1517 y 1539; y a Zamora con el también fallecido fray Juan de Zumárraga”.

¹² A edição *princeps* contendo três Diálogos – *La universidad de México*, *Interior de la ciudad de México* e *Alrededores de México* – foi publicada com pouca tiragem em 1554, em latim. Somente no século XIX, em 1875, a obra ganharia maior amplitude entre os especialistas ao ser traduzida para o espanhol e reeditada pelo historiador e filólogo mexicano Joaquín García Icazbalceta.

¹³ No original: “Está la ciudad toda asentada en un lugar plano y amplísimo, sin que nada la oculte a la vista por ningún lado. Los soberbios y elevados edificios de los españoles, que ocupan una gran parte del terreno, y se ennoblecen con altísimas torres y excelsos templos están por todas partes ceñidos y rodeados de las casas de los indios, humildes y colocados sin orden alguno, que hacen veces de subúrbios, entre los que también sobresalen iglesias de tan magnífica construcción como las otras”.

p. 262, tradução nossa)¹⁴. Pelo menos é essa a menção feita por Cortés em uma correspondência oficial, datada de 1526, ao confessar ter orientado os seus homens a igualar o terreno e, em seguida, seguir a planta que ele havia feito para traçar onde seriam erguidos os edifícios administrativos, a igreja, a praça e demais construções daquela nova localidade (Centurião, 2007, p. 132). Tal processo que teve início com as medidas de Cortés, em 1521, e se prolongou por mais de 30 anos com as reformas patrocinadas pela Coroa na figura do primeiro vice-rei de Nova Espanha, Antonio Hurtado de Mendoza. Isso quer dizer que o quadro pintado por Alfaro nas suas andanças pela cidade ilustrava um cenário modificado pelos espanhóis que desde esse início mostraram-se preocupados em criar uma simetria espacial entre México-Tenochtitlán e as cidades espanholas.

Contando com a participação do arquiteto Alonso García Bravo, os ajustes na planta dessa cidade introduziram a construção de novos edifícios seguindo a regularidade já existente na cidade indígena (Weckmann, 1994, p. 413). Dessa forma, ao menos até 1573, quando as *Ordenanzas* do rei Felipe II estipularam normas para regularizar e padronizar o plano urbano das cidades americanas, prevaleceu em México-Tenochtitlán uma mistura bem marcante do traço indígena e dos elementos espanhóis. No caso do plano apresentado por Cortés e García Bravo, é possível perceber um aproveitamento do esquema em cruz e das passarelas existentes para, a partir dele, traçar o esquema quadricular na disposição dos bairros e edifícios principais típico das cidades espanholas.

Acerca desse esquema, muitas são as teses que sugerem a influência do tratado *De architectura* de Vitrúvio; outras, porém, defendem que a influência vitruviana chegou em um momento posterior, a partir de 1573, com as demandas reais,

e pouco efeito teria representado na remodelação dessa cidade e nas demais hispano-americanas em um primeiro momento¹⁵. A falta de consenso leva-nos a considerar que o traçado original da capital da Nova Espanha está inteiramente relacionado ao aproveitamento de suas linhas originais, isto é, a de uma cidade desenhada por canais que interligavam todos os seus lados, cujo acesso se dava ora por passarelas de pedras, ora por uma espécie de barcos feitos pelos próprios mexicas, em torno desse núcleo urbanizado (Gruzinski, 2004, p. 276). Em um processo marcado por construções e destruições, pouco a pouco os espanhóis realocaram alguns desses eixos para erguer seus edifícios principais que alojariam a estrutura administrativa, nomeadamente o corpo político, religioso e educacional – bem como a abertura de um espaço central nesse imenso quadrado que acomodaria a praça maior, ícone da cidade hispânica.

Os três eixos da cidade colonial: o palácio, a igreja e o colégio

Nas imagens iniciais, o palácio do governo aparece como um dos primeiros edifícios mencionados pelos personagens do *Diálogo*. Grande e ricamente adornado, a ponto de Alfaro dizer que “não é um palácio, mas outra cidade” (Cervantes de Salazar, 2001, p. 25, tradução nossa)¹⁶, esse edifício abrigava o gabinete do vice-rei, a principal autoridade local responsável pela administração daquele território, e espelhava a estrutura política que havia na Espanha. Ao seu lado, a Real Audiência também surge em destaque pela similitude com as de Granada e Valladolid e por reunir um amontoado de personagens, como “litigantes, agentes comerciais, solicitadores, notários e outros” (Cervantes de Salazar, 2001, p. 29, tradução nossa)¹⁷, que faziam

¹⁴ No original: “[...] así mismo viendo que la ciudad de Tenuxtitlan, que era cosa tan nom brada y de que tanto caso y memoria siempre se ha fecho, pareciónos que en ella era bien poblar, porque estaba toda des truida ; y yo reparti los solares á los que se asentaron por vecinos y hizose nombramiento de alcaldes y regidores en nombre de V. M., según en sus reinos se acostumbra [...]”.

¹⁵ Javier Aguilera Rojas (1994, p. 47) considera que “[...] la obra de Vitrubio De Architectura inspiró una parte de las disposiciones contenidas en las Ordenanzas de Población de Felipe II promulgadas en el Bosque de Segovia en 1573”. Já Luis Weckmann (1994) escreve há um consenso de que o tratado de Vitrúvio tenha influenciado as *Ordenanzas* promulgadas por Felipe II, mas que, na data de sua promulgação, em 1573, as principais cidades hispano-americanas haviam sido fundadas e reordenadas pelos espanhóis.

¹⁶ No original: “no es um palácio, sino otra ciudad”.

¹⁷ No original: “litigantes, agentes de negócios, procuradores, escribanos y demás”.

parte da cena política colonial com suas contestações junto aos Alcaldes, à Real Audiência e ao Tribunal Superior. A exuberância desses edifícios administrativos, que infundem, segundo Alfaro, não pouco respeito ao entrar, é proposital e serve para refletir a importância conferida aos papéis desempenhados por seus membros no funcionamento da cidade como corpo político. Ainda no mesmo caminho, o trio se depara com o tribunal inferior, onde, conta Zuazo, “a justiça é administrada por dois *alcaldes* que o conselho municipal nomeia todos os anos e com o poder de impor a pena capital” (Cervantes de Salazar, 2001, p. 30, tradução nossa)¹⁸, a sala do *cabildo* e, a seguir, a casa de fundição encarregada da preparação da prata¹⁹.

Muito próximo dali, como se um curso natural do traço da cidade fosse seguido, os visitantes encontram as primeiras unidades religiosas – como o convento de Santo Domingo, o convento de São Francisco, o convento de Santo Agostinho, o convento das monjas e, por fim, a catedral dedicada à Virgem Maria – erguidas dentro de um mesmo limite urbano por fazerem parte da estrutura administrativa da vila colonial. A sede da catedral, contudo, causou especial espanto em Alfaro por sua construção simplória não condizer com o lugar de maior culto a Deus, onde o arcebispo celebraria seu “divino ofício” para um público de autoridades, como o vice-rei, membros da Real Audiência e demais habitantes. Diante da austeridade arquitetônica da catedral, o personagem lamentou ser

[...] uma pena que em uma cidade cuja fama não sei se alcança a de qualquer outra, e com uma vizinhança tão rica, [ter] um templo tão pequeno, humilde e mal adornado, erguido

no lugar mais público; enquanto na Espanha não há nada que ilustre Toledo (uma cidade muito nobre) quanto sua rica e bela catedral (Cervantes de Salazar, 2001, p. 36, tradução nossa)²⁰.

O apontamento do forasteiro fazia sentido se lembrarmos que México-Tenochtitlán almejava ser uma Nova Espanha, espelhando as mesmas instituições existentes na sua matriz europeia, de modo que abrigar uma catedral aos moldes de Toledo para sediar grandes celebrações seria o mais adequado. A cidade, no entanto, possuía também pequenas capelas acopladas aos mosteiros para servir de sede ao projeto catequizador operado pelas ordens religiosas. De menor porte, Zamora explica que essas igrejas eram frequentadas por indígenas interessados em ouvir e ver o sacerdote predicar em dias festivos, sobretudo frei Francisco de Bustamante, porque, segundo ele, tratava-se de um religioso que “ensina com clareza, encanta de maneira excelente e emociona profundamente seu público” (Cervantes de Salazar, 2001, p. 45, tradução nossa)²¹.

A continuação do passeio leva Alfaro a encontrar o hospital, edifício igualmente comandado por religiosos, dedicado a abrigar e a tratar os espanhóis enfermos para serem “curados com tal caridade e zelo” (Cervantes de Salazar, 2001, p. 38, tradução nossa)²². Não muito distante dali, o trio alcança os colégios fundados e administrados por religiosos para o ensino e a instrução cristã dos mexicas, como, por exemplo, o colégio dos meninos mestiços e o colégio das meninas mestiças. O primeiro abrigava os meninos órfãos nascidos de pai espanhol e mãe indígena; lá, segundo Zamora, “[...] leem, escrevem e, o que é mais importante, são instruídos no culto divino” até atingir a idade

¹⁸ No original: “*administran la justicia dos alcaldes que el ayuntamiento nombra a cada año, y tienen la facultad de imponer la pena capital*”.

¹⁹ Sobre a construção da cidade em torno do núcleo do poder político, Mercedes Blanco (2019, p. 9) explica que “*L'influence la plus immédiate et constante des pouvoirs publics sur la vie de chacun se faisait sentir dans le cadre municipal; c'est là que s'imposaient de manière quotidienne les normes de discipline et d'orthodoxie religieuse, les charges Fiscales, les réglementations en tout genre. À la municipalité incombaient la gestion des approvisionnements, des marches et des prix, ainsi qu'une partie essentielle de l'acculture exprime au travers de l'urbanisme, l'architecture, les fêtes, le théâtre, les collèges et les académies. L'autre partie dépendait de l'Eglise, implantée elle aussi prioritairement dans le tissu urbain. Tout ceci contribuait à inculquer l'idée de république et de corps politique, de manière plus tangible que la seigneurie, le royaume et a fortiori l'empire ou monarchie, réalités lointaines et abstraites*”.

²⁰ No original: “*Da lastima que en una ciudad a cuya fama no sé si llega la de alguna otra, y con vecindario tan rico, se haya levantado en el lugar más público un templo tan pequeño, humilde y pobremente adornado; mientras en España no hay cosa que a Toledo (ciudad por demás nobilísima) ilustre tanto como su rica y hermosa catedral*”.

²¹ No original: “*enseña con claridad, deleita en gran manera y commueve profundamente su auditorio*”.

²² No original: “*curados com tal caridade y esmero*”.

maior, quando “[...] aqueles dotados de inteligência clara se aplicam às artes liberais, e aqueles que, ao contrário, não a possuem, às artes servis e mecânicas [...]” (Cervantes de Salazar, 2001, p. 47, tradução nossa)²³. Já o das meninas também órfãs nascidas de pai espanhol e mãe indígena dedicava-se a ensinar as “artes mulheres, como costurar e bordar” (Cervantes de Salazar, 2001, p. 48, tradução nossa)²⁴, juntamente com a religião cristã, até atingirem a idade propícia para casar. Embora ambos os colégios abrigassem esses grupos de mestiços durante a formação religiosa e educacional, não havia dúvida de que cedo ou tarde todos seriam integrados, dentro dos limites sociais existentes no ambiente colonial, aos demais habitantes que dividiriam com eles a mesma cidade. Tratava-se de mais um esforço por parte da Coroa espanhola de colonizar os súditos americanos preparando-os para desempenhar futuros ofícios nessa sociedade.

Praça Maior, o centro da urbe

Das construções observadas por Alfaro em seu roteiro por México-Tenochtitlán, a praça maior certamente foi um dos espaços que mais atraiu a sua atenção. Ao ser indagado por Zuazo se já havia visto alguma outra construção equiparável em “grandeza e majestade”, o deslumbrado forasteiro forneceu a seguinte resposta:

Certamente não me lembro de nenhum deles, nem acho que em ambos os mundos eles possam ser encontrados da mesma maneira. Meu Deus! Como é plana e vasta! Que alegre! Quão adornada com edifícios altos e soberbos, por todos os quatro ventos! Que regularidade, que beleza, que arranjos e assentos. De fato, se aqueles portais na frente fossem removidos no meio, um exército inteiro poderia caber ali!

(Cervantes de Salazar, 2001, p. 27, tradução nossa)²⁵.

Símbolo da intervenção espanhola, a praça maior foi reordenada à imagem e semelhança das suas correspondentes ibéricas, como bem apontou Alfaro, visivelmente pensada para cumprir a função de abrigar a unidade administrativa do governo colonial²⁶. Do antigo conjunto de edifícios que formavam o Templo Mayor, um extenso pátio central na cidade de México-Tenochtitlán, restaram apenas as passarelas e alguns aquedutos aproveitados na obra de reconstrução para acomodar essa nova parte da cidade que, na comparação de Alfaro, poderia comportar um exército inteiro (Hadoy, 1975, p. 6). Por seu tamanho, operava como o eixo central de onde saíam os caminhos para o palácio do governo ou *cabildo*, o palácio da justiça, a igreja matriz – essa, inclusive, tinha também a sua própria praça, mas em menor proporção – e a universidade, ou seja, os pilares estruturantes da vida colonial nessa sociedade²⁷. Lá era também o ponto de referência para os novos assentamentos ocupados pelos espanhóis de mais destaque – nomeadamente os conquistadores que receberam partes de terras, os oficiais que ocupavam cargos públicos no governo, os negociantes abastados – e para os mais diversos ofícios e comércios que surgiam em torno desse núcleo principal (Correal Avilán, 2017, p. 3).

Justamente por esse simbolismo, a praça maior de México-Tenochtitlán, assim como de outras cidades hispano-americanas, teve sempre muito espaço nos relatos sobre a conquista e continuou a tê-lo nos registros posteriores que partiam desse núcleo para apresentar o início da

²³ No original: “leen, escriben, y lo que importa más, se instruyen en lo tocante al culto divino”; “los dotados de ingenio claro se aplican a las artes liberales, y los que, por el contrario, carezcan de él, a las serviles y mecánicas [...]”.

²⁴ No original: “artes mujeres, como coser y bordar”.

²⁵ No original: “Ciertamente que no me recuerdo ninguna, ni creo que en ambos mundos pueda encontrarse igual. Dios mío! Cuán plana y extensa! Qué alegre! Qué adornada de alto y soberbios edificios, por todos cuatro ventos! Qué regularidad, qué belleza, qué disposición y asiento. En verdad que si se quitasen en medio aquellos portales de enfrente, podría caber en ella un ejército entero”.

²⁶ Para Richard Kagan (2016, p. 114), a praça maior deveria ser bem ordenada porque dispunha de diferentes significados: “[...] para los oficiales – alcaide, oidor, corregidor, virrey –, el orden y la regularidad de la plaza es probable que representara la justicia, el orden cívico, y el buen gobierno municipal. Igualmente, desde el punto de vista nativo, y especialmente en ciudad como Tenochtitlán o Cuzco, donde los españoles se habían apropiado de las plazas indígenas pré-existentes para sus propósitos, más que la policía, la plaza simbolizaba tanto la conquista como la pérdida de independencia”.

²⁷ No seu estudo sobre a concepção e a adoção do escudo de armas como construção simbólica da cidade de México-Tenochtitlán, Alejandro Aranda Ruiz (2022, p. 73) afirma que a criação da universidade no México também simbolizou “[...] otro timbre de gloria y una prueba más de la primacía de una ciudad que se consideraba cabeza de toda la Nueva España”.

fundação das vilas. Tanto as *Cartas de Relación* de Cortés como os *Diálogos* escritos um pouco mais tarde por Cervantes de Salazar refletem a importância desse espaço para a dinâmica de toda a cidade. Não é por acaso que a construção da praça maior foi tema presente nos projetos arquitetônicos confeccionados pelos espanhóis como forma de assegurar que a harmonia das formas estaria assegurada ao final da sua edificação²⁸. Tal ordenamento arquitetônico respondia às normativas enviadas pela Coroa, afinal, era ali onde ocorriam os principais eventos, as cerimônias oficiais e as festividades profanas e religiosas frequentadas por todos os habitantes, isto é, o palco em que sociabilizavam indígenas e espanhóis, mas também gentes de toda parte do mundo que por ali passavam. Dentre as cerimônias oficiais, destaca-se a promulgação da justiça civil ou religiosa perante um público espectador que assistia aos castigos proferidos contra supostos detratores, indígenas e negros na sua maioria, e à celebração de autos de fé da Inquisição em que se anunciavam os crimes cometidos pelos hereges, a condenação e a execução da pena (Kagan, 2016, p. 124). Já dentre as festividades religiosas estavam as procissões em dias santos, como no *Corpus Christi*, o que mostrava o alinhamento com o calendário cristão e a reprodução na colônia das celebrações praticadas na metrópole. Mas talvez o evento mais importante tenha sido a cerimônia fúnebre da morte de Carlos V, em 1559, não apenas pela multidão de gente reunida ali – cerca de 40 mil

pessoas, incluindo indígenas e espanhóis na condição de súditos do rei –, mas, sobretudo, por ser a única cidade da América Hispânica a sediar o cerimonial das exéquias do imperador, o que indica a importância ocupada naquela época. A dimensão desse evento pode ser constatada no *Túmulo imperial de la gran ciudad de México*, escrito também por Cervantes de Salazar, em 1560, com o registro pormenorizado de toda a cena²⁹ ocorrida nesse espaço (Gruzinski, 2004, p. 227).

Como eixo de encontro, a praça maior era igualmente onde se anunciavam os proclames reais aos habitantes e onde as notícias circulavam trazidas por estrangeiros ou por meio de emissários oficiais e viajantes que incluíam na bagagem cartas para entregar e livros para comercializar com os locais ávidos por informações sobre o outro lado do mundo³⁰. Encontros como esses não passaram despercebidos pelos olhos de Alfaro ao vislumbrar a cidade de cima e reparar os inúmeros nichos que se formavam entre os passantes locais ou forasteiros que exerciam ali alguma atividade. Toda aquela diversidade de gentes e de culturas, sobretudo a indígena e a espanhola que formavam a maioria dos habitantes de México-Tenochtitlán, foi enaltecida por ele ao se dirigir aos seus interlocutores do *Diálogo*:

Meu Deus! Que espetáculo descobro daqui; tão grato sinto pelos olhos e pela alma por tudo lque vejo! ser tão formosamente variado; e com toda razão me atrevo a afirmar que ambos os mundos se encontram reduzidos e compreendidos, podendo dizer sobre o México o que os gregos disseram do homem, chamando-o de

²⁸ Para o historiador Richard Kagan (2016, p. 116-118), os mapas e os planos dos projetos arquitetônicos espanhóis para as cidades coloniais da América indicam a importância da praça central para a vida política, econômica, religiosa, operando como local privilegiado de sociabilidades nesses espaços urbanos. Exemplos são os projetos da cidade de México-Tenochtitlán, atribuído a Cortés; da cidade de Tlaxcala, mencionado por Diego Muñoz Camargo; das praças citadas por Guamón Poma de Ayala como emblema da vida urbana no governo do Peru; da praça central de Lima traçada por Pizarro em sua fundação, em 1535, mas reordenada e ampliada pelo quarto vice-rei, Diego López de Zúñiga.

²⁹ Francisco Cervantes de Salazar descreve em oito fôlios todo cerimonial fúnebre em culto e homenagem ao monarca falecido. Conta que o início das celebrações se deu no dia de San Andrés, na Casa Real da Cidade do México, com a presença das principais figuras que compunham a administração colonial: o vice-rei, os ouvidores, a cavalaria e toda a nobreza da cidade. Dali, partiram em procissão pelas ruas cidade até a igreja, onde celebrariam uma missa, portando o estandarte e as insígnias do rei, sendo acompanhados pelos naturais que iam se juntando ao grupo durante o trajeto. Significativa é a passagem descrita por Cervantes de Salazar (1560, p. 65) desse momento em que os naturais expressam as suas reações diante do cerimonial ao rei: "*Tuvo toda la procesión cuatro partes, en la primera iban los naturales, los cuales al entrar en la calle de San Francisco, con altos suspiros y sollozos, hicieron tan gran sentimiento, que además de la tristeza que los nuestros tenían les provocaban lagrimas; en la delantera llevaban una cruz con su manga negra con dos ciriales, tras la cual iban en una hilera las tres cabeceras de la gobernación de México, que eran la de México, Tlacuba y Tezcuco, y el gobernador de la provincia de Tlaxcala a la cual se le dio este honor por su fidelidad*".

³⁰ Sobre a mobilização e a circulação de homens, objetos e ideias que aproximam as quatro partes do mundo ver Gruzinski (2014).

microcosmos ou mundo pequeno (Cervantes de Salazar, 2001, p. 70, tradução nossa)³¹.

A vivência em conjunto nesses espaços sociais impulsionava esses cruzamentos não tanto porque estabeleciam uma rede de contato diário e direto entre esses diferentes povos, mas, sim, porque permitia o intercâmbio cultural observado nas construções de edifícios que mesclavam e sobrepunham ambos os estilos, na culinária com a introdução de víveres europeus e indígenas, como, por exemplo, o pão mediterrâneo e o cacau que cruzaram o Atlântico de ambos os lados, assim como as plantas, ervas e raízes americanas, caso do *manguy*, que passaram a ser levadas e comercializadas nas bancas dos mercados europeus graças às suas propriedades de curar as mais diversas enfermidades, como bem detalhou Bernal Díaz del Castillo ao se referir aos "canudos de cheiros com liquidambar, cheiros de tabaco e outros unguentos amarelos e coisas desta arte" (Díaz del Castillo, 2011, p. 172, tradução nossa)³². Assim, o entrecruzamento de culturas na praça, nas ruas, nos mercados – onde a intersecção de produtos e de gentes se dava de maneira ainda mais ostensiva – e em outros espaços marcava nitidamente uma "cidade dupla"³³ que existia em 1554, data em que viveram os personagens de Cervantes de Salazar, sob o domínio espanhol e com forte presença indígena por muitos lados.

Uma cidade entre dois povos

Mas a duplicidade em torno de México-Tenochtitlán não se dava apenas pela existência de "ambos os mundos" observados por Alfaro:

também, pela própria divisão da cidade entre a "república de índios" e a "república dos espanhóis"³⁴, formada na primeira hora tanto pelos conquistadores para se precaverem de um levante militar dos indígenas como pelos religiosos interessados em proteger os nativos da ação dos espanhóis. Nesse processo, a Coroa havia concedido um estatuto diferenciado aos descendentes de Montezuma como, por exemplo, dispor da posse comunal de suas terras, o que lhes permitia uma vivência similar ao período anterior à conquista; em contrapartida, exigia-lhes o cumprimento de algumas obrigações junto ao rei, como o pagamento regular de tributos (Garcia, 2011, p. 57). Dessa forma, separada em duas zonas, a cidade estava assentada entre o centro destinado aos espanhóis e os bairros periféricos, subdivididos em dois setores, San Juan de Tenochtitlán (ao sul) e Santiago de Tlatelolco (ao norte), destinados aos indígenas (Gruzinski, 2004, p. 319), como notou oportunamente Alfaro:

A cidade inteira fica em um terreno plano e muito amplo, sem nada que a esconda de qualquer lado. As magníficas e elevadas construções dos espanhóis, que ocupam grande parte do terreno e enobrecem com torres imponentes e templos imponentes, são cercadas por todos os lados pelas casas dos índios, que são humildes e não estão dispostas em nenhuma ordem específica e servem como subúrbios, entre as quais também se destacam igrejas de construção tão magnífica quanto as outras e que foram construídas da mesma forma (Cervantes de Salazar, 2001, p. 70, 71, tradução nossa)³⁵.

O traço urbanístico espelhava a estonteante diferença social que já nas primeiras décadas do período colonial caracterizaria essa sociedade

³¹ No original: "Diós mio! Qué espectáculo descubro desde aquí; tan grato a los ojos y al ánimo, y tan hermosamente variado, que con toda razón me atrevo a afirmar que ambos mundos se hallan aquí reducidos y comprendidos, y que puede decirse de México lo que griegos dicen del hombre, llamándole microcosmos, o mundo pequeño".

³² No original: "cañutos de olores con liquidambar, llenos de tabaco y otros unguentos amarillos y cosas de este arte".

³³ O historiador Serge Gruzinski (2004, p. 226) fala em "cidade dupla" ao referir-se a México-Tenochtitlán: "Una ciudad india, aún impresionante por su tamaño y sus actividades, pero también una ciudad del Renacimiento que busca, por todos los medios, proclamarse como tal".

³⁴ Sobre a divisão social e espacial entre república dos índios e república dos espanhóis, ver Ricard (2013).

³⁵ No original: "Está la ciudad toda asentada en un lugar plano y amplísimo, sin que nada la oculte a la vista por ningún lado. Los soberbios y elevados edificios de los españoles, que ocupan una gran parte del terreno, y ennoblecen con altísimas torres y excelsos templos están por todas partes ceñidos y rodeados de las casas de los indios, humildes y colocados sin orden alguno, que hacen veces suburbios, entre las que también sobresalen iglesias de tan magnífica construcción como las otras".

em formação³⁶. Se, por um lado, a harmonia das formas e a centralidade do local marcavam as residências dos espanhóis, passando a imagem de ordem e organização, por outro, a irregularidade das moradias destinadas aos indígenas refletia a falta de estrutura e planejamento. O afastamento das áreas destinadas aos indígenas indicava igualmente a distância do centro do poder, mostrando, por linhas arquitetônicas, onde deveriam se estabelecer aqueles que não participavam da governança colonial³⁷.

Malgrado o recorte social imposto pela administração ser bastante desigual ao separar os espaços destinados à ocupação dos indígenas e outros à ocupação dos espanhóis, a imagem panorâmica da sociedade vista por Alfaro revelava os contatos cotidianos entre esses dois grupos sobressalentes nesse "microcosmos". Como uma teia formada por diferentes pontos, tal imagem indicava que essa separação não era rigidamente cumprida por parte de seus habitantes, muito pelo contrário: a prática ilustrava uma convivência mútua com trocas e mesclas em diferentes âmbitos daquela sociedade³⁸. A reação de Alfaro às visões produzidas durante o passeio guiado por Zuazo e Zamora mostra que os indígenas estavam sempre entre os espanhóis ao exercerem diferentes funções na cidade: atuando como comerciantes nas feiras, como empregados domésticos, como obreiros na construção e zeladoria de obras públicas, como ferreiros, sapateiros, dentre outros ofícios. A presença indígena também se fazia marcante nos colégios destinados aos filhos da nobreza mexicana, nas universidades, nos eventos

públicos e nas cerimônias religiosas – muitas, inclusive, contavam com a participação ativa de membros nativos tocando instrumentos musicais ou encenando peças teatrais como parte do processo de catequização. Toda essa rede de contatos proporcionava uma maior interação entre esses dois grupos e resultava, cada vez mais, no fortalecimento das trocas culturais³⁹.

Em proporção bem menor, indígenas e espanhóis também interagiam com outros povos – como europeus vindos de toda parte, africanos e asiáticos (Dominguez Dominguez, 2019, p. 389) – que aos poucos se instalavam na maior cidade da América daquele tempo na condição de mercadores, oficiais, viajantes, missionários, libertos e escravizados que se amontoavam na cidade formando pequenos nichos culturais, ressaltados por Zamora ao entusiasmado Alfaro:

Observe agora, além disso, que multidão de tendas e quão bem ordenadas, quão bem estocadas com mercadorias valiosas, que aglomeração de forasteiros, de compradores e vendedores, e depois quantas pessoas a cavalo, e que murmúrio da multidão de negociantes. Com razão, pode-se afirmar que tudo o que é notável no mundo inteiro estava reunido aqui (Cervantes de Salazar, 2001, p. 28, tradução nossa)⁴⁰.

A nota do personagem de Cervantes de Salazar para esses contatos entre gentes das diversas partes do mundo indica que já na primeira metade do século XVI a cidade de México-Tenochtitlán funcionava como um laboratório onde múltiplas culturas se tocavam e se comunicavam por diferentes meios.

³⁶ Para Edmundo O'Gorman (1938, p. 38), *"El principio de separación, en el que hemos descubierto una motivación de buena fe, sincera y apasionada, es una contribución formal (en los dos sentidos de la palabra) a la realización del destino de ese complicadísimo acontecimiento histórico que se designa como el nombre de colonización española en América [...] En efecto, el aislamiento de la población indígena tuvo como fin, y alo hemos visto, iniciarla y prepararla para su ingreso a la Cultura Occidental; pero a medida que operaba ese proceso de asimilación, produciendo el deseado acercamiento de los dos pueblos, necesariamente se debilitaron las causas, la razón misma de ser del Principio, de manera que se hacía cada vez más insostenible la posición inicial"*.

³⁷ A esse respeito, Rodrigo Cacho Casal (2019, p. 344) complementa: *"Ademas de tener unas claras funciones practicas, la imposicion de una estructura urbanística regular (la traza) y de su organizacion jerarquica pretendia reproducir a nivel simbólico uma de las principales dicotomias generadas por el discurso colonialista: el enfrentamiento entre la fuerza civilizadora de Europa y el mundo selvaje de las Indias; a ciudad encarnaba el poder de las instituciones políticas y de la iglesia, representada en la plaza central, donde se solían levantar cabildos, palácios de virreyes y catderales"*.

³⁸ Para Salvador Bernabéu (2011, p. 160), *"La separación entre españoles (dentro de la traza) e indios (fuera) no pudo sostenerse durante mucho tiempo. Hay un mestizaje étnico pero a la vez de costumbres e ideas, abriéndose numerosos espacios de mediación y de intercambio, transitados por hombres y mujeres que hacen de pasadores entre dos o más sistemas de creencias y de comunicación hasta crear una ciudad mestiza que integra imágenes y tradiciones procedentes tanto de la tradición judea-cristiana como del mundo náhuatl"*.

³⁹ Para Margarita Peña (2015, p. 121), nesse contexto, *"Las razas se tocan, se trenzan: españoles, criollos indios, mestizos"*.

⁴⁰ No original: *"Observa ahora, además, que multitud de tiendas y qué ordenadas, cuán provistas de valiosas mercaderías, qué concurso de forasteiros, de compradores y vendedores y luego cuánta gente a caballo, y qué murmullo de la muchedumbre de tratantes. Com razón se puede afirman haberse juntado aqui cuanto hay de notable em el mundo entero"*.

Entre terra e água

Mas não foi apenas a diversidade de gentes convivendo naquela mesma cidade que ganhou destaque no *Diálogo* protagonizado por Alfaro: certamente, a construção de México-Tenochtitlán entre os recortes de terra existentes sob a água rodeada de vales férteis onde se cultivavam toda a produção agrícola teve igual ou maior peso nessa e nas outras obras que a antecederam. As características geográficas dessa localidade já haviam sido mencionadas por Cortés (1866, p. 103, tradução nossa) em sua segunda *Carta de Relación* escrita para narrar as dificuldades encontradas para adentrar a cidade:

Esta grande cidade de Tenuxtitan está fundada nesta lagoa salgada, e desde a terra firme até o corpo da dita ciudad, por qualquer lado que se queira entrar nela, são duas léguas. Tem quatro entradas, todas com estradas feitas à mão, da largura de duas lanças. As ruas, digo as principais, são muito largas e muito direitas, e algumas destas e todas as outras são metade de terra, e a outra metade é água, pela qual andam nas suas canoas, e todas as ruas são abertas de lanço a lanço, onde a água passa de uma para outra [...] ⁴¹.

As mesmas dificuldades foram igualmente notadas pelo olhar curioso de Alfaro, personagem que, nas mãos de Cervantes de Salazar, representava o espectador atento por saber mais sobre a capital da Nova Espanha. Ao vislumbrar a cartografia daquela cidade, elencando os seus impressionantes entraves naturais, buscou sintetizar o que observava ao dialogar com seus guias, Zamora e Zuazo, como ilustra a seguinte passagem:

Mais adiante, a cidade é cercada por colinas, encostas e montanhas de altura desigual, algumas naturalmente arborizadas e abundantes em madeira, outras cultivadas e muito férteis. Em todas elas, é possível ver muitas fazendas que embelezam admiravelmente a cidade e a

paisagem circundante (Cervantes de Salazar, 2001, p. 72, tradução nossa) ⁴².

Tal descrição é complementada por Zamora ao narrar o que havia além daquela paisagem não alcançada pelos olhos do forasteiro:

Das colinas até a cidade (o que aumenta seu mérito), há dez léguas, ou até mais, de campos irrigados por todos os lados, banhados pelas águas de valas de irrigação, rios e nascentes. Neles estão localizadas grandes cidades indígenas, como Tetzco, Tlacopan, Tepeaquilla, Azcapotzalco, Auyoacán, Iztapalapan e muitas outras (Cervantes de Salazar, 2001, p. 71, tradução nossa) ⁴³.

A geografia daquele território causou imensa admiração não só pela fertilidade das terras, característica notada em boa parte das regiões americanas, mas, também, pela água e pela cadeia natural de colinas, de montanhas e de selvas que ao fundo protegia a cidade de incursões promovidas por invasores. Toda aquela água que contornava México-Tenochtitlán, similar a Veneza, como observou Alfaro, funcionava como uma barreira de proteção natural. É que a cidade havia sido construída no meio de uma lagoa, local inóspito que fora escolhido pelo deus Huitzilopochtli como terra destinada aos mexicas, conforme conta a origem mística legada pelos testemunhos (Gruzinski, 2004, p. 284). O que parecia hostil e dificultoso à primeira vista acabou se tornando um grande trunfo para os mexicas, afinal, segundo explica Zuazo, a água dificultava a entrada na cidade, uma vez que o acesso se daria apenas pelas passarelas, obviamente protegidas pelas forças militares e pelos campos, que, por serem entrecortados por muitos fossos, também alagavam na época das chuvas. Diante desse cenário, Alfaro chegou a questionar seus interlocutores "[...] como Cortés pôde conquistar uma cidade tão populosa e estabelecida entre

⁴¹ No original: "Esta gran ciudad de Tenuxtitan está fundada en esta laguna salada, y desde la tierra firme hasta el cuerpo de la dicha ciudad, por cualquiera parte que quisiera entrar á ella, hay dos léguas. Tiene cuatro entradas, todas de calzada hecha á mano, tan ancha como dos lanzas jinetas. Son las calles dela, digo las principales, muy anchas y muy derechas, y algunas destas y todas las demás son la mitad de tierra, y por la outra mitad es agua, por la cual andan em sus canoas, y todas las calles de trecho á trecho están abiertas pordo atraviesa el agua de las unas á las otras [...]".

⁴² No original: "Más lejos rodean la ciudad lomas, colados y montes de desigual altura, unos naturalmente selvosos y abundantes de madera, otros cultivados y fertilisimos. En todos se ven muchas haciendas que embellecen admirablemente la ciudad y los campos circunvecinos".

⁴³ No original: "Desde las lomas hasta la ciudad (cosa que realza su merito) hay por cualquier lado diez léguas, y aún más, de campos de regadio, bañadas por las aguas de acequias, rios y manantiales. En ellos tienen asiento grandes ciudades de indios, como Tetzco, Tlacopan, Tepeaquilla, Azcapotzalco, Auyoacán, Iztapalapan y otras muchas".

pântanos, igualmente inadequada para a infantaria e a cavalaria?" (Cervantes de Salazar, 2001, p. 35, tradução nossa)⁴⁴.

A engenharia investida na construção de aquedutos para a obtenção da água na zona urbana e de jardins aquáticos foi outro elemento de destaque nas observações feitas pelos interlocutores. Em certa passagem do *Diálogo* sobre os entornos da cidade, Zamora explica que a construção de muros altos em torno do bosque servia para controlar a entrada e a saída de gentes e assegurar que a água do aqueduto chegasse limpa aos habitantes desde a sua fonte. A preocupação com a sanidade da água e do ar, aliás, aparece de maneira constante nos relatos escritos sobre as descobertas; e não seria diferente no registro deixado pelos interlocutores do *Diálogo*, como nota Alfaro, ao lembrar a lição de Avicena: "a água de fonte como essa é a água mais saudável, especialmente em locais limpos" (Cervantes de Salazar, 2001, p. 69, tradução nossa)⁴⁵. Além disso, a qualidade do ar e da água impactaria diretamente no cultivo dos produtos locais, como raízes, sementes e vegetais, base da culinária mexica, assim como no trato dos animais trazidos pelos espanhóis, como bovinos e suínos, que completariam a dieta em formação naquela Nova Espanha.

Todos esses aspectos elencados pelas conversas travadas ao longo do *Diálogo* levaram Zuazo a concluir que aquele território reunia as principais vantagens para uma boa vivência do outro lado do mundo:

Em uma palavra: considere que o que Cícero escreveu sobre a Ásia tenha sido dito sobre a Nova Espanha, pois, como ele disse, ela supera sem contestação todas as nações do mundo na fertilidade de seu solo, na variedade de seus produtos, na extensão de suas pastagens e no grande número de gêneros de plantas contratantes: digna, em suma, de ser

chamada de Afortunada, como as ilhas com esse nome, por causa da admirável suavidade de seu clima; pois, embora em algumas partes seja um pouco quente e em outras um pouco fria, nunca excede os limites moderados de seu clima (Cervantes de Salazar, 2001, p. 75, tradução nossa)⁴⁶.

Contrariando o que se pensava sobre as novas terras além-mar, os personagens do *Diálogo* construíram um quadro bastante favorável das imagens projetadas por Cervantes de Salazar sobre México-Tenochtitlán, um quadro que ajudou a divulgar a primeira cidade hispano-americana ao público interessado.

Palavras finais

Ao dar vida aos três personagens, Cervantes de Salazar transmitiu por discurso indireto qual a imagem construída sobre a cidade de México-Tenochtitlán no tempo em que ele viveu nessa localidade. Descrevendo o interior dessa zona, como bem indica em um dos títulos dos *Diálogos*, mostra com elogio os traços naturais que a contornavam, o plano regular imposto pela interferência arquitetônica ibérica, a acessibilidade por meio de canais e pontes que aproveitavam a antiga estrutura de Tenochtitlán, as construções feitas e refeitas dessa que se erguia como a capital do vice-reinado da Nova Espanha. Mostra, ainda, o interior de uma cidade construída longe do poder monárquico⁴⁷ com traços fortemente cristãos, ainda que nutrida pelas ruínas do passado indígena que, aos poucos, passou a manter-se vivo apenas em mapas e em registros literários em meio à imposição cada vez mais ostensiva da *ordem y traza* ibérica transplantada da Península. Mostra, por fim, a conquista validada ao destacar a fundação da cidade, a povoação hierarquicamente dividida entre o espaço urbano destinado em certas partes aos espanhóis e em

⁴⁴ No original: "cómo pudo Cortés ganar la ciudad tan populosa y asentada entre pantanos, igualmente improprios para infantería que para caballería?"

⁴⁵ No original: "[...] el agua de fuente como ésta, es la más saludable, sobre todo, la de lugares despejados".

⁴⁶ No original: "En una palabra: considera dicho de la Nueva España lo que Cicerón escribió del Asia, pues como él dijo, aventaja sin disputa a todas las naciones del mundo en la fertilidade de su suelo, en la variedad de sus productos, en la extension de sus pastos, y en el gran numero de gêneros de contratacion: digna, em fin, de que por la admirable templanza del clima se le llame tambien la Afortunada, como a las islas de este nombre; pues aunque em partes es algo caliente, y em otras algo fria, nunca excede de limites moderados".

⁴⁷ A reconstrução de México-Tenochtitlán como cidade ibérica longe da Corte serviu de modelo para a construção de outras igualmente distantes do centro monárquico, como Manila, nas Filipinas, então a colônia mais isolada no império espanhol (Jacquelard, 2019, p. 22).

outras partes aos indígenas, os eixos de contato entre essas culturas nos mercados, nas festas e nas celebrações cristãs, o funcionamento das instituições políticas, jurídicas e religiosas, a obra de conversão. Todo esse discurso confirmava a orientação do clérigo espanhol Francisco López de Gómora, seu coetâneo, que, ao escrever "Quem não fundar um povo, não terá uma boa conquista, e se não conquistar a terra, não converterá os nativos" (López de Gómora, 1551, folio 23, tradução nossa)⁴⁸, definiu bem o pensamento dos ibéricos sobre a importância da cidade como um meio a ser conquistado – caso da já existente cidade de México-Tenochtitlán –, para que, dessa forma, pudessem ser assentadas as bases efetivas de uma política de domínio e de conversão dos povos americanos⁴⁹. A boa imagem dessa cidade construída por aquele que se converterá no primeiro cronista oficial da cidade do México, com destaque para a regularidade e a ordem inauguradas pelos espanhóis segundo os personagens dos *Diálogos*, refletia, assim, a boa imagem da conquista iniciada na região central da América e continuada para o restante do continente.

Fontes

AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de Nueva España*. Cuarta jornada. México: Biblioteca virtual de México, 2018.

CERVANTES DE SALAZAR, Francisco. *México en 1554*. Tres diálogos latinos de Francisco Cervantes de Salazar. Edición facsimilar e introducción por Miguel León-Portilla. Versión castellana de los diálogos por Joaquín García Icazbalceta. México: Universidad Nacional Autónoma de México: Instituto de Investigaciones Históricas y Instituto de Investigaciones Bibliográficas, 2001.

CERVANTES DE SALAZAR, Francisco. *Túmulos imperial de la gran ciudad de México*. Biblioteca Histórica Marqués de Valdecilla, Universidad Complutense de Madrid. Primeros Libros de las Americas, 1560. Disponível em: <https://primeroslibros.org/spotlight/primeros-libros-de-lasamericas/catalog/65cdaa0b8263acdbde-98df6ee22e1198>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CORTÉS, Hernán. *Cartas y Relaciones de Hernán Cortés al Emperador Carlos V*. Colegidas e ilustradas. Por Don Pascal de Gayangos de la Real Academia de Historia de Madrid. Paris: Imprenta Central de Los Ferro-Carriles, 1866.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. México: Editorial Porrúa, 2011.

LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Hispania Victrix*. Primera y segunda parte de la historia general de las Indias con todo el descubrimiento, y cosas notables que han acaescido desde que se ganaron hasta el año de 1551: con la conquista de Mexico, y de la Nueva España [Francisco Lopez de Gomara clerigo, escriue la presente historia...]. Medina del Campo: por Guillermo de Millis, 1551.

Referências bibliográficas

ADORNO, Rolena. Introdução. In: LEONARD, Irving. *Los libros del conquistador*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

AGUILERA ROJAS, Javier. *Fundación de ciudades Hispanoamericanas*. Madrid: Editorial Mapfre, 1994.

ARANDA RUIZ, Alejandro. El otro cuerpo de la ciudad. Uso y función del escudo de armas de la Ciudad de México desde la perspectiva de su cabildo secular (1523-1629). *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas*, México, v. 44, p. 39-80, 2022.

BERNABÉU, Salvador; VARELA, Consuelo (org.). *La ciudad americana: mitos, espacios y control social*. Aranjuez: Ediciones Doce Calles, 2011.

BLANCO, Mercedes. Avant-propos. In: BÉNAT-TACHOT, Louise; BLANCO, Mercedes; GUILLAUME-ALONSO, Araceli; THIEULIN-PARDO, Hélène (dir.). *L'invention de la ville dans le monde hispanique (IX-XVIIIe siècle)*. Paris: Éditions Hispaniques, 2019.

CACHO CASAL, Rodrigo. La ciudad invisible: Tenochtitlan en "El peregrino indiano" de Saavedra Guzmán. In: BÉNAT-TACHOT, Louise; BLANCO, Mercedes; GUILLAUME-ALONSO, Araceli; THIEULIN-PARDO, Hélène (dir.). *L'invention de la ville dans le monde hispanique (IX-XVIIIe siècle)*. Paris: Éditions Hispaniques, 2019.

CENTURIÃO, Luis Ricardo Michaelson. A cidade na América espanhola aos tempos da conquista e colonização. *Biblos*, Porto Alegre, v. 10, p. 127-135, 2007.

CORREAL AVILÁN, Natalia. La plaza hispano-americana. Siglos XVI, XVII y XVIII. Caso de estudio como análisis tipológico. *Revistarquis*, Costa Rica, v. 2, p. 1-15, 2017.

⁴⁸ No original: "Quien no poblare, no hará buena conquista, y no conquistando la tierra, no se convertirá la gente; así que la máxima del conquistar ha de ser poblar".

⁴⁹ De acordo com Anderson Roberti dos Reis (2023), "Logo, projetar cidades, fundá-las, reformá-las, repensar seus espaços, movimentos e edifícios, era sempre um exercício de refletir e tornar visíveis certas relações de poder, posições e hierarquias sociais, possibilidades, limites, interdições. Tratava-se de uma ofensiva da "construção" sobre a "habitação" em um esforço convenientemente orientado para ordenar o mundo social".

DOMINGUEZ DOMINGUEZ, Cittalí. Veracruz, ciudad plural. Circulaciones imperiales de negros libres en el Atlántico ibérico, siglos XVI y XVII. In: BÉNAT-TACHOT, Louise; BLANCO, Mercedes; GUILLAUME-ALONSO, Araceli; THIEULIN-PARDO, Hélène (dir.). *L'invention de la ville dans le monde hispanique (IX-XVIIIe siècle)*. Paris: Éditions Hispaniques, 2019.

GARCIA, Elisa Frühauf. Os índios e as reformas bourbonicas: entre o "despotismo" e o consenso. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. *História das Américas: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo*. História de uma mundialização. Tradução de Cleonica Paes Barreto Mourão e Consuleo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

GRUZINSKI, Serge. *La ciudad de México: una historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

HADOY, Jorge. La forma de las ciudades en Hispano-america. *Psicón*, São Paulo, n. 5, pp. 1-17, 1975.

JACQUELARD, Clotilde. Manille au XVIIIe siècle: le défi de la "conservación". In: BÉNAT-TACHOT, Louise; BLANCO, Mercedes; GUILLAUME-ALONSO, Araceli; THIEULIN-PARDO, Hélène (dir.). *L'invention de la ville dans le monde hispanique (IX-XVIIIe siècle)*. Paris: Éditions Hispaniques, 2019.

KAGAN, Richard. Policía y la plaza. Utopía y distopia en la ciudad colonial. *Tempus: revista en historia general*, Antioquia, n. 4, p. 111-136, 2016.

LEONARD, Irving. *Los libros del conquistador*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

MARTÍNEZ BARACS, Rodrigo Martínez. Fuentes sobre la primitiva ermita del Tepeyac. In: BIENKO DE PERALTA, Doris; BRAVO RUBIO, Berenise. *De sendas, brejas y atajos*. Contexto y crítica de las fuentes eclesiásticas, siglos XVI-XVIII. México: Escuela Nacional de Antropología e Historia, 2008.

O'GORMAN, Edmundo. Reflexiones sobre la distribución urbana colonial de la Ciudad de México. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE PLANIFICACIÓN Y DE LA HABITACIÓN, 16. *Contribución* [...]. México DF, 1938.

PEÑA, Margarita. Ciudad mítica, ciudad utópica, México en los Diálogos México 1554 de Francisco Cervantes de Salazar. In: BARAIBAR, Álvaro; VINATEA RECOBA, Martina (org.). *Viajes y ciudades míticas*. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2015.

REIS, Anderson Roberti dos. Um humanista decifra o México: os diálogos latinos de 1554 de Francisco Cervantes de Salazar. In: TEODORO, Leandro Alves; TACCONI, Ana Paula (org.). *A formação de reinos virtuosos: século XII ao XVIII*. Florianópolis: UFSC, 2023.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

SANCHIS AMAT, Victor Manuel. Francisco Cervantes de Salazar, um humanista entre dos mundos: apuntes bibliográficos. *Revista de Ciencias de la Comunicación e Información*, Madrid, v. 20, p. 9-27, 2015.

WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

Maria Emilia Granduque José

Doutora em História Cultural pela UNICAMP com período sanduíche na Universidade de Salamanca – Espanha. Possui pós-doutorado em História Moderna pela EHESS-Paris (2017), pós-doutorado em Cultura Ibero-Americana pela UNESP campus de Franca, com bolsa FAPESP (2018-2022), pós-doutorado em História da América Colonial, com ênfase em historiografia, pela ENS-Paris, com bolsa Bepe FAPESP (2018-2019), e pós-doutorado em Letras Hispânicas pela Université de Fribourg-Suíça, com bolsa Bepe FAPESP (2022). Atualmente é pós-doutoranda em Letras Modernas pela UNESP campus de Assis, com bolsa Pró-Reitoria/Capes. É autores de livros, capítulos de livros e artigos que versam sobre crônicas de Índias, escrita da história, tratados de história, manuais de História e gêneros prescritivos e teóricos produzidos na Espanha e em suas extensões americanas nos séculos XVI e XVII. Atualmente é membro: do auxílio "jovem pesquisador O ensino da fé cristã na Península Ibérica (sécs. XIV, XV e XVI)", financiado pela FAPESP; do auxílio "Instrução e conversão no mundo dos exempla ibéricos: pilares da moral cristã", financiado por um acordo bilateral entre a FAPESP e a SNSF Suíça; do "Grupo Circuitos Transoceânicos: o lugar das Américas no trânsito de ideias, bens e indivíduos, da Primeira Modernidade às Independências", financiado pelo Universal CNPq.

Endereço para correspondência

MARIA EMÍLIA GRANDUQUE JOSÉ

Avenida São Vicente, 4385, bairro jardim Noêmia, 14.403-720

Franca, São Paulo, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.